

ANDRE MEHMARI – ENTREVISTA na Revista Teclado em 2008

Por Fábio Carrilho

CD MPBABY CLUBE DA ESQUINA

Revista: Você acabou de gravar um CD com músicas do Clube da Esquina. Como a idéia deste trabalho chegou a você? O que mais te atrai na música feita pelos mineiros? De que maneira o Clube da Esquina influenciou a sua música? (o CD “de Árvores e Valsas” tem bastante influência do Clube da Esquina)

André: Boa parte deste repertório já toco há anos e faz parte da minha história de vida musical desde infância. Após o bem sucedido disco dedicado à música dos Beatles, a direção do selo, sabendo da minha paixão pela música dos mineiros, me convidou para abordar o tema do Clube da Esquina. Muita coisa me atrai nessa música e faz dela uma expressão única, tanto no cenário nacional quanto internacional: principalmente o convívio de tantas linguagens musicais (às vezes até antagônicas, como pop e bossa) numa harmoniosa e corajosa aventura musical, repleta de cores e sonhos.

Revista: Este é um CD voltado para pais e crianças. Musicalmente, você se baseou em algum tipo de conceito estético para elaborar os arranjos, considerando o público para qual o CD é destinado? Ou ficou absolutamente livre para criar? Como você trabalhou os arranjos deste CD? Como costuma trabalhar quando arranja para piano solo músicas de outras pessoas?

André: Como acho que a criança é capaz de absorver a emoção que a música produz, tanto quanto um adulto, pouca coisa mudou na abordagem dos temas. Mas certamente busquei uma transparência, um silêncio e um respiro extra, tendo em vista a linha da série. Obviamente a escolha do repertório também foi pautada por essas escolhas musicais e o fato de ser um disco em piano solo.

“... DE ARVORES E VALSAS ”

Revista: Seu outro novo trabalho é “-...DE ARVORES E VALSAS” em que mostra composições inéditas e o seu lado multiinstrumentista, tocando violão, clarinete, baixo, bateria, etc. Para você, como é fazer um trabalho deste tipo, tocando todos os instrumentos? Você compõe pensando na sua execução nesses diversos instrumentos?

André: Sempre tive ao redor esses instrumentos todos e gosto do colorido que essa ‘orquestrinha Mehmarí’ pode produzir! Já havia explorado este aspecto no album Canto, de 2002. Agora em ... De árvores, resolvi reunir somente composições próprias, que de uma maneira ou de outra, se conversam entre si.

Muitas vezes nem escrevo previamente o arranjo, simplesmente saio gravando e orquestrando uma coisa na outra... é o som da minha casa.

Revista: As músicas de “...de Valsas e árvores” sugerem mais imagens do que estilos ou gêneros musicais. Quando você trabalha uma nova música, o que costuma vir-lhe primeiro à cabeça (melodia, ritmo, progressões de acordes)? O que significa “inspiração” para você?

André: Inspiração é um estado alterado de consciência, é o elemento que diferencia uma obra de arte de um mero exercício. É a esposa perfeita da técnica e do capricho, do ofício sagrado que é compor. É o que a torna uma música essencial e longa. Pra mim, a própria música (o seu legado) é a maior fonte de inspiração, seguida pelas imagens que surgem no ato da composição, que podem ser a lembrança de um olhar, de uma esquina, de um sonho, de uma alegria, de uma tristeza, do sol, da chuva, do frio e do calor. A tal da transpiração também é excelente pessoa!

MULTIINSTRUMENTISTA

Revista: *Você toca vários instrumentos, inclusive em seus discos. Acha importante um músico saber tocar ou pelo menos explorar outros instrumentos além do seu instrumento principal, “de ofício”? Considera que saber tocar outros instrumentos ajuda, por exemplo, no seu trabalho como compositor, por entender o outro lado, do interprete que usa aquele instrumento? Ou faz apenas por diversão?*

Pra um sujeito que escreve sempre pra orquestra como eu, é fundamental dominar outros instrumentos, principalmente os de cordas. O convívio com esses instrumentos auxiliares torna minha música mais rica, mesmo que eu não seja nenhum virtuose em nenhum deles! Além disso, é divertido demais! Você não pode imaginar quão divertido é ir empilhando sons até formar um quadro sonoro. Sou um músico prático e botar a ‘mão na massa’ é fundamental pra mim.

COMPOSITOR – RELAÇÃO: IMPROVISACÃO x PROCESSO CRIATIVO

Você é um grande improvisador e um compositor de destaque, com obras executadas por importantes grupos instrumentais e orquestras brasileiras. Como é o seu processo criativo ao compor uma nova música (inérita)? Qual papel a improvisação exerce sobre a sua música neste sentido? Costuma compor a partir de improvisações? De que maneira você encara hoje a sua atividade de compositor?

A improvisação funciona como um preâmbulo, uma preliminar pro processo extremamente seletivo e crítico da composição. Compor é fazer escolhas. Compõe-se muito mais com a borracha do que com o lápis! Minha atividade de compositor é hoje onde invisto a maior parte do meu tempo e energia. Quando toco piano, comoponho o tempo todo, é tudo ligado pra mim. O arranjo é uma espécie de composição também, quando há espaço verdadeiro pra criar. As encomendas de arranjos e composições são hoje minha principal fonte de renda, também.

COMPOR SOBRE ENCOMENDA

Revista: *Você é um músico que compõe muito sob encomenda (o Cd Clube da Esquina foi por encomenda), para muitas formações instrumentais e orquestras. Chega a ser uma espécie de desafio ou exercício para você compor sob encomenda, devidos aos limites que devem ser-lhe impostos, como de tempo ou temáticos? Como lida com as composições que lhe são encomendadas? Quais diferenças de postura você apontaria, além da liberdade, em relação, por exemplo, a um trabalho autoral seu? Sente um pouco mais de “responsabilidade” quando compõe sob encomenda, por exemplo, no sentido de ter de corresponder às expectativas que lhe são depositadas?*

Adoro as encomendas e os prazos. São algo muito concreto, em um universo tão abstrato, atemporal, infinito da composição... é bom ter esses limites. Geralmente entrego as obras muito antes do prazo que me foi dado. Pra um trabalho autoral, determino certos objetivos e tento cumprir, mas de forma mais flexível que uma encomenda ‘profissional’. ... de árvores, por exemplo, foi sendo gravado ao longo dos anos, paralelamente aos todos outros trabalhos que desenvolvo em parceria com as cantoras e instrumentistas parceiros (Ná, Mônica, Hamilton, trio...)

FRONTEIRAS NA MÚSICA

Revista: *Um dos grandes chavões usados para defini-lo é o “na fronteira entre o erudito e o popular”. Você mesmo costuma dizer que não acredita em fronteiras, mas na existência de diversos estilos que se fundem. Como você definiria a sua concepção de música?*

Não me sinto de fato ‘entre’ coisa alguma, garanto. Não estou dividido entre dois mundos. Me sinto muito mais senhor do meu mundo, do código musical que me é caro e precioso,

que pode ser oriundo das mais diversas épocas e lugares (de Monteverdi a Nelson Cavaquinho). Sou um compositor brasileiro, afinado com seu tempo e lugar, no raiar do século 21, pleno de amor pela história da música, e profundamente esperançoso com o papel que um novo (e miscigenado) país como o nosso pode ter no futuro da música, no mundo.

PIANO POPULAR BRASILEIRO

Revista: Quando falamos de piano popular brasileiro, seu nome é sempre apontado na ponta desta “cadeia evolutiva” do instrumento, se assim podemos dizer. Esse tipo de coisa chega a vir à sua cabeça? Você, às vezes, dá conta da sua importância na evolução do instrumento, pelo que apresentou até agora na sua obra? Acredita na existência de uma “escola do piano popular brasileiro”? Como a definiria?

Não sei o que é piano popular brasileiro. O piano brasileiro me interessa demais. Nazareth, Chiquinha Gonzaga, Luis Eça, Egberto... Infelizmente não são tão populares quanto gostaríamos, ainda são pra poucos privilegiados porque nossa grande mídia esqueceu-se deles.

PARCERIA COM HAMILTON DE HOLANDA

Revista: Uma das duplas mais sensacionais da música instrumental brasileira é a sua com Hamilton de Holanda, que já gerou alguns CDs e shows maravilhosos. Você poderia descrever como são os encontros musicais de você antes de levar o trabalho para o palco ou sala de gravação?

André: A parceria com o Hamilton de fato me dá imensas alegrias. É uma troca musical sensacional, no palco e no estúdio. Esses encontros me dão muita inspiração pra compor, pra seguir acreditando nas coisas em que acredito.

PIANO ACOMPANHANTE

Revista: Um dos comentários mais freqüentes sobre a sua maneira de tocar em duos com cantoras, especialmente nos trabalhos com a Na Ozzetti e a Mônica Salmaso, é que o seu piano não é um mero “acompanhante”, mas um instrumento que divide as funções de igual para igual, em primeiro plano, com a voz, trabalhando contrapontos e todo tipo de interação. Como é a sua postura frente a um trabalho desse tipo, de duo com cantores ou quando tem que acompanhar um instrumento apenas melódico?

André: É, não penso em acompanhamento. Penso em diálogo, em criar um quadro musical repleto de idéias, de contraponto, tudo isso orientado pela própria essência da canção, pela letra e pelo desenho melódico que tem. Tenho a felicidade de trabalhar com intérpretes sensíveis e com pleno domínio de suas artes, que permitem esta abordagem viva da canção, que não é nada usual.

GAROTO “PRODÍGIO”

Revista: Você foi considerado por muitos um garoto prodígio da música brasileira, quando despontou no cenário instrumental na década de 90. Sua mãe teve um grande papel neste sentido, por ser pianista e por você ouvi-la sempre tocando, cantando. Como era relacionamento seu com a sua mãe e com a sua família no que diz respeito à sua formação musical? Ela o estimulava, propondo exercícios ou músicas, por exemplo?

André: Ela foi minha primeira escola de música. O fato de ela cantar, tocar (sanfona, violão e piano) e passar sem sofrimento de Jobim pra Chopin me influenciou muito, creio. Não venho de família de músicos mas soube que meu avô materno, português, (que não

conheci) tinha um ouvido de ouro. Meu avô sírio, trouxe no navio um alaúde árabe. Soube depois, que ele gostava de improvisar nas horas vagas... nunca sabemos, exatamente, de onde viemos...

FORMAÇÃO MUSICAL

Revista: Apesar de ser um músico que estudou formalmente, o lado “autodidata” (não apenas no aprendizado de diversos instrumentos, mas de música em si) sempre esteve presente no seu processo de formação musical. Como você avalia isso, seu lado “autodidata”, a sua curiosidade em aprender que não se limitava ao que era explicado em aulas ou livros de música? Para você, o grande professor do músico é ele mesmo?

André: Acho que a origem dos autodidatismo é minha inquietude e a insaciável curiosidade musical. Eu não paro quieto nunca! Agora estou com um cravo em casa e não largo dele! O músico pode ter orientação valiosíssima, mas ele mesmo (e seu senso crítico) é seu principal e mais duro instrutor, acredito.

TÉCNICA (estudou piano clássico)

Revista: Você passou pelo piano clássico, o que lhe deu uma técnica avantajada. Hoje em dia a questão da técnica é muito mais relevada pelos pianistas populares do que era no passado. Como enxerga isso? O que significa a técnica para você? Como faz para mantê-la e desenvolvê-la?

André: Meu estudo de clássico é tardio e bastante irregular. Quando ingressei na USP em 1995, já tinha um trabalho sólido de pianista acontecendo. Foi muito boa a informação que recebi lá na USP, pelo Amilcar Zani, que respeitou minhas aventuras improvisatórias sem os preconceitos, comuns na música ‘clássica’ brasileira. Tenho lacunas técnicas consideráveis mas, paradoxalmente, elas acabaram me levando a criar um conjunto de idiosincrasias no teclado que contribuiram para criar um estilo pessoal reconhecível.

Técnica é aquilo que permite ao músico concretizar seus sonhos musicais e transmití-los com clareza pra seu ouvinte. Ponto. Sem idéia não há músico. A técnica não deve ser maior que o músico. Só a técnica, não é nada, não diz nada e não serve pra nada. Música tem que parar o tempo, brincar com ele...

NOVOS TRABALHOS

Para finalizar, quais outros novos trabalhos têm feito atualmente?

André: Acabei dois concertos novos: um pra Jazz Trio e Orq. de cordas (a ser estreado pela OSESP em Novembro deste ano) e um Divertimento para Clarinete, piano e banda sinfônica, a ser estreado em outubro por mim, Gabriele Mirabassi e a Banda Sinf. Do Est. De SP.